

TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)

Thássila Tamires Batista Alves (1); Emanuelle Monaliza de Sousa Gomes (2);
Orientador(a): Iasmin da Costa Marinho (3)

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), thassila_thamires@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), emanuellymonaliza@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), iasmincostamarinho@gmail.com)

Resumo: O artigo em tela tem como objetivo apresentar uma análise acerca das questões sobre trabalho e questão social no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por meio de pesquisa de campo e aplicação de entrevistas junto aos trabalhadores que prestam serviço à instituição, de forma indireta ou direta. Percebendo a conjuntura no cenário político e econômico da Universidade, bem como, a precarização (estrutural e financeira) e o sucateamento que se tem vivenciado atualmente, em ameaças constantes de privatização, justifica-se a necessidade de observar o certame. Vimos, portanto, a possibilidade de abranger mais detalhadamente o conteúdo, colocando em pauta as necessidades da classe proletária tanto no âmbito do trabalho como fora do seu local de emprego. Dessa forma, compreenderemos com mais clareza sobre as expressões da Questão Social no universo da precarização do trabalho a partir da análise dos dados levantados na pesquisa. Foi possível observar por meio dos nossos estudos e análise de dados coletados na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – campus central Mossoró/RN que os trabalhadores que possuem uma menor escolaridade são os que exercem os serviços de segunda ordem, podendo-se destacar negros e pardos. Além de ser perceptível o processo cada vez mais forte de precarização nos serviços de educação gratuita, tanto para os educadores como para os demais que compõem a classe trabalhadora da Universidade Estadual. Toda essa lógica do sistema capitalista está permeada por interesses lucrativos, onde a falta de estrutura e os diversos problemas pautados expressam o descaso do governo do RN com a ampliação e melhoria desse modelo de educação.

Palavras-chave: Questão Social. Trabalho. Políticas Públicas. UERN.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise acerca das questões sobre trabalho e questão social no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por meio de pesquisa de campo e aplicação de entrevistas junto aos trabalhadores que prestam serviço à instituição, de forma indireta ou direta. Percebendo a conjuntura no cenário político e econômico da Universidade, bem como, a precarização (estrutural e financeira) e o sucateamento que se tem vivenciado atualmente, em ameaças constantes de privatização, justifica-se a necessidade de observar o certame. Vimos, portanto, a possibilidade de abranger mais detalhadamente o conteúdo, colocando em pauta as necessidades da classe proletária tanto no âmbito do trabalho como fora do seu local de emprego. Dessa forma, compreenderemos com mais clareza sobre as expressões da Questão Social no universo da precarização do trabalho a partir da análise dos dados levantados na pesquisa.

2. METODOLOGIA

Como recursos metodológicos, foi realizada pesquisa de campo no mês de novembro de 2016 na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – campus central Mossoró/RN - com todos os trabalhadores que prestam serviço a esta instituição – direta e indiretamente da UERN, portanto, incluímos dentro dessas circunstâncias os trabalhadores terceirizados/assalariados, os trabalhadores efetivados/assalariados e os ambulantes/autônomos, compreendendo as dificuldades e deficiências de cada proletário e de que maneira essa classe desfavorecida tenta subsistir/sobreviver dentro do sistema capitalista.

Foram aplicados questionários e entrevistas junto ao grupo de funcionários terceirizados, efetivos, autônomos e substitutos da UERN. Entrevistamos em primeiro momento os terceirizados que fazem parte da limpeza – contratados pela *Construtora Solares* – aplicamos o questionário junto as terceirizadas que trabalham na xerox da instituição – contratadas pela empresa *Locainfo*. Ainda sobre os trabalhadores terceirizados, falamos com os Vigilantes, que prestam serviços a empresa *RN Segurança*, da mesma forma fizemos perguntas aos trabalhadores autônomos, e o questionário foi igualmente aplicado aos docentes e técnicos administrativos da entidade – esses por sua vez, concursados ou contratados via processo seletivo diretamente veiculado ao Estado. O nome das empresas foi preservado e citado durante a pesquisa, visto que as mesmas participam de processo licitatório público via Governo do Estado e UERN, conforme Lei de Licitações e Contratos Públicos (Lei nº 8.666/93) e resolução 11/2016 do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Norte, podendo ser acessado por qualquer cidadão por intermédio do Portal do Tribunal de Contas do Estado. Para efeitos éticos da pesquisa, os nomes dos entrevistados não foram utilizados, para garantia de sua segurança e preservação dos indivíduos. Outro fator que pautaremos no estudo foram os obstáculos – por parte dos terceirizados – de relatarmos sobre as dificuldades que enfrentam dentro do trabalho, bem como, suas condições de trabalho na Universidade. Entretanto, conseguimos entrevistar ao todo 36 funcionários da instituição mais os ambulantes, formando uma totalidade de 43 entrevistados.

3. QUESTÃO SOCIAL E SUAS ORIGENS

Sobre Questão Social, inúmeros trabalhos têm descortinado ideias sobre o tema, atravessados pela temática do trabalho e dos enfrentamentos ao Sistema Capitalista (CERQUEIRA FILHO, 1982; BODSTEIN, 1997; CASTEL, 1998; IAMAMOTO, 2001; GUZZO; FILHO, 2005; RAICHELIS, 2006; PASTORINI, 2010; BARBOSA, 2010; MONTAÑO, 2012; GUIRAUDELLI,

2014). Para analisarmos a questão social, precisamos antes analisar o contexto na qual ela foi inserida, e para isso precisamos relatar minuciosamente como se deu esse processo.

O processo hegemônico do capital se deu de forma lenta e degradante (para a classe trabalhadora), ele por sua vez é regido por uma busca incessante de mais-valia, - o excedente da força de trabalho - onde a sua base fundante se instaura na sua contradição e seu antagonismo que é produção socializada e o resultado final privatizado, nesse processo cíclico esse sistema vai procurar maneiras de se reconfigurar, e é nessa lógica que rege esse modo de produção, que as coisas acabam tendo mais valores que as pessoas (MARX, 1985). É válido frisar duas características centrais desse modo de produção, a primeira se encontra na perspectiva de que quanto mais o capitalismo progride mais o pauperismo se desenvolve juntamente com a desigualdade social, agudizando a Questão Social (já que o capitalismo precisava de pobreza para se fortificar, ocorrendo assim o aumento da pobreza e acúmulo de riquezas para aqueles que detinham os meios de produção), o segundo ponto a ser pautado e é o que vai caracterizar a Questão Social nada mais é que a organização da classe trabalhadora enquanto consciência de classe, politizando por conseguinte a Questão Social.

Levando em consideração todo o contexto explorado a partir das explicações de Netto (1996) compreendemos que a Questão Social é fruto da contradição Capital/Trabalho, ela se consolida no capitalismo monopolista, juntamente com a Luta de Classe, onde a Classe proletária se organiza, reconhecendo-se enquanto classe explorada (classe em si e não para si) lutando por direitos que logo mais passa a ser alvo das políticas sociais, e que aos poucos vão se efetivando enquanto direitos. É importante ressaltar que conforme o capitalismo avança vão aparecendo novas expressões da questão social (o que de forma alguma quer dizer que surgem novas questões sociais, afirmar isso inclui em dizer que o processo de pobreza não é mais da contradição capital/trabalho) que só se dará um basta quando houver o fim/superação do capitalismo, teremos então a partir daí o fim na Questão Social. Segundo Iamamoto (1999, s.p.) a Questão Social “sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem”. Nessa perspectiva, compreende-se que a “Questão Social” se configura à medida em que o conjunto das desigualdades sociais, econômicas e culturais se revelam politicamente por meio da classe trabalhadora. (CISNE, 2015).

No Brasil, as expressões da Questão Social impactam diretamente na classe trabalhadora e nas relações étnico raciais e principalmente para a classe das mulheres. Percebemos que as raízes coloniais escravistas ainda que latentes configuram a Questão Social no processo civilizatório

brasileiro (FERREIRA, 2015). No Brasil existem várias manifestações da “questão social”, porém iremos enfatizar a Precarização do Trabalho, que no atual desmonte e todos os retrocessos que estamos vivenciando será de grande relevância para entendermos em qual montante esse exemplo contribui para o sistema liberal e para a desigualdade social dentro desse sistema conservador.

4. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: ALGUMAS NOTAS

Uma das expressões da Questão Social no Brasil que mais se destaca com vigor é a Precarização do Trabalho, tema esse que será debatido no decorrer desse artigo. O Brasil por possuir uma economia emergente e bastante dinâmica, conseguiu adiar um pouco o efeito da crise, paralelo a esse contexto, alguns setores, ganharam espaço e proporcionou uma série de novos empregos com condições de trabalho desfavoráveis. Para esses setores, a mão de obra era composta por jovens de ambos os sexos e mulheres, caracterizando-se por ser um trabalho temporário, em sua maioria, e colaborando para que ocorresse a acentuação do trabalho, conseqüentemente, baixos salários e precarização do emprego. No tocante a divisão sexual do trabalho, o processo de globalização acentuou a diversidade de formas de trabalho, tornando mais nítida as desigualdades entre sexos, classes sociais e raças. Estes fatores são responsáveis pela concentração de riquezas e, conseqüentemente, do aumento da pobreza, sendo mais um dos elementos que favorecerem a precarização do trabalho.

É relevante destacar que com a mulher inserida no mercado de trabalho foi um fenômeno concomitante ao crescimento do emprego vulnerável e precário, estas que são particularidades da estruturação. Entre homens e mulheres a precarização do trabalho apresenta-se de forma distinta, já que a mulher sofre bem mais o impacto deste contexto, encontram-se em condições desfavoráveis de trabalho. Desse modo, a trabalhadora é mais percebida pela tendência a precariedade e a obrigação dos afazeres, e menos, pelo investimento e a iniciativa e isso torna-se mais enfatizada com a mulher negra. Ao analisar a real situação dos trabalhadores no Brasil, foi constatado que cerca de 1/3 das trabalhadoras estão em situação de vulnerabilidade e precariedade nas condições de trabalho, desenvolvendo suas atividades laborais de forma informal, na maioria das vezes, com baixos salários ou até mesmo sem receber remuneração, por longas jornadas de trabalho e com restringida ou nenhuma proteção legal.

O trabalho executado em condições desfavoráveis leva a intensificação do trabalho, uma vez que, os trabalhadores que se encontram desempregados representam uma ameaça aos estáveis, pois, para voltar ao mercado de trabalho, os desempregados submetem-se a condições de trabalho e salários mais árduas, ou seja, a precarização do trabalho é enfatizada a partir do exército industrial

de reserva, no qual os trabalhadores em atividade aceitam as situações de vulnerabilidade, por receio de perder o seu emprego e não conseguir outro, devido ao elevado número de desempregados disponíveis a substituir qualquer trabalhador e em qualquer situação, mesmo nas mais precárias. Por consequência, a intensificação do trabalho pode ocasionar prejuízos a saúde física e mental do trabalhador, além da ampliação da distância entre assalariados e desempregados. Por vez, a intensificação ela acontece principalmente de forma mais acentuada aos trabalhadores autônomos que não só tem uma carga horária intensiva como também extensiva. Portanto, o que precisamos apreender é que a precarização do trabalho como uma das expressões da Questão Social se estrutura fortemente em três pilares: no sistema neoliberal, bem como, do sistema capitalista; na divisão sexual do trabalho tendo o patriarcado como interventor desse elemento e principalmente nas relações sociais entre os seres humanos.

4.1. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O ESTUDO DE CASO UERN

Nesse tópico, analisaremos os dados de pesquisa apreendidos no âmbito da UERN, por meio de questionários e entrevistas aplicadas no mês de novembro de 2016. Para efeitos de melhor compreensão, os dados são apresentados conforme as empresas e segmentos de trabalho analisados.

4.1.1. Xerox da Faculdade (Locainfo) – Trabalhadores Terceirizados

Apenas três mulheres trabalham nesse setor, prestando serviços a essa empresa de 6 meses a 1 ano, todas ganham um salário mínimo, e a sua carga horária de trabalho são oito horas diárias, cada uma recebe decimo terceiro e férias e são residentes da cidade de Mossoró/RN.

Entrevistados	Cor	Sexo	Nível de escolaridade	Onde estudou	Estado Civil	Filhos (as)	Idade
1º entrevista	Parda	Feminino	EM ¹ Completo	EP	Casada	Não	22
2º entrevista	Parda	Feminino	EM Completo	EP	Solteira	1	29
3º entrevista	Parda	Feminino	EM Completo	EP	Solteira	Não	26

Quadro 1 – Perfil dos trabalhadores da Xerox (Locainfo)

Fonte: Elaboração própria.

As dificuldades que as entrevistadas relataram é que a empresa não oferece salubridade, plano de saúde e vale transporte, elas contam que o plano de saúde (em especial) é o que mais faz falta, principalmente porque tem uma delas que está gestante e o SUS não oferece o acompanhamento que ela almejava ter, elas reclamam de passar o dia todo em pé e fazer movimentos repetitivos o que prejudica sua saúde física, especialmente a coluna. A questão do vale transporte é a dificuldade de se locomover dentro da cidade (de casa para o trabalho e do trabalho

¹ Para efeitos de legenda: EM (Ensino Médio); EF (Ensino Fundamental); EP (Escola Pública).

para casa) pois o município não oferece qualidades de transporte público e elas se sujeitam a vim no seu automóvel próprio.

4.1.2. Agentes de Serviços Gerais (ASG – Construtora Solares) – Trabalhadores Terceirizados

Aplicamos o questionário nessa seção com 12 pessoas (6 homens e 6 mulheres), 9 disseram que estavam lá de 1 mês a 2 anos prestando serviços a Solares, 2 estão na UERN a mais de 6 anos e apenas 1 não souber responder essa pergunta, 10 ganham um salário mínimo e apenas 2 ganham superior a um salário, sua carga horaria de trabalho são oito horas diárias, e novamente só 2 que trabalham horas a mais cada uma recebe decimo terceiro, plano de saúde, ticket de alimentação e férias e absolutamente todos são residentes da cidade de Mossoró/RN. A respeito do salário a maioria se sentiu receosos em nos responder, o que dessa forma podemos constatar da parte dos entrevistados terceirizados medo de sofrer retaliações por parte da empresa que os mesmos prestam serviços, em nos falarem sobre essa questão dos salários atrasados. Neste ano de 2016, ao final do mês de outubro, a UERN passou por diversas turbulências, uma delas é no que diz respeito aos salários dos terceirizados que há seis meses estavam sem receber (um dos motivos que nos levaram a realização da pesquisa de campo), e o que podemos ver durante esse período é que a situação ainda não se regularizou, porem mesmo sem estar com seus salários em dia, apenas 3 de 12 funcionários relataram que estão com os salários atrasados, os outros 9 contam que estão recebendo na data prevista.

Entrevistados	Cor	Sexo	Nível de escolaridade	Onde estudou	Estado Civil	Filhos (as)	Idade
1° entrevista	Parda	Feminino	Não informou	EP	Solteira	1	58
2° entrevista	Negra	Feminino	EF Incompleto	EP	Divorciada	1	60
3° entrevista	Parda	Feminino	EM Completo	EP	Solteira	1	37
4° entrevista	Parda	Feminino	EM Completo	EP	Casada	2	35
5° entrevista	Parda	Feminino	EM Completo	EP	Casada	1	32
6° entrevista	Branco	Masculino	EM Completo	EP	Solteiro	Não	29
7° entrevista	Branco	Masculino	EM Completo	EP/EPR ²	Solteiro	Não	28
8° entrevista	Pardo	Masculino	EM Completo	EP/EPR	Solteiro	Não	31
9° entrevista	Branco	Masculino	EM Completo	EP	Solteiro	Não	22
10° entrevista	Pardo	Masculino	EM Completo	EP	Casado	1	27
11° entrevista	Pardo	Masculino	EM Completo	EP	Solteiro	Não	24
12° entrevista	Branca	Feminino	EM Completo	EP	Casada	2	36

Quadro 2 - Perfil dos trabalhadores terceirizados

Fonte: Elaboração própria.

Sobre as dificuldades que passam no trabalho apenas 6 de 12 responderam, informando que a maior dificuldade, além da estrutura precária da universidade, é na manutenção dos produtos de limpeza que o Estado não estava disponibilizando e isso era uma das maiores preocupações no

² EPR (Escola Privada)

momento, outro ponto que colocaram em pauta foi a questão dos atrasos de salário que impossibilitou muitos em termos financeiros, eles ainda mencionam do duplo desgaste que tem psicologicamente e fisicamente, pois muitos, principalmente as mulheres, além da jornada de trabalho que exercem na instituição, quando chegam em casa realizam os afazeres domésticos (não remunerado) o que dobra a sobrecarga do trabalho. Além disso, foi argumentado outra preocupação extratrabalho, na questão que diz respeito aos filhos.

Ainda podemos ver no quadro acima que a maioria dos depoimentos, em sua grande massa, são mulheres pardas ou negras, com escolaridade que não chegam ao nível superior, e absolutamente todas com filhos, conseqüentemente, elas estão em um enquadramento de vítimas mais vulneráveis dentro do sistema, diferentemente dos homens, que, na sua maioria, são solteiros, não precisam se preocupar em dividir as despesas, e todos com o nível de escolaridade médio completo. A respeito da pergunta sobre os motivos que levaram eles a desistirem dos estudos, oito não responderam, apenas dois responderam que foi por falta de interesse e quatro falaram que foi pelas condições de vida, onde não tiveram oportunidade de continuarem os estudos por outros motivos, casamento e gravidez precoce também foi uma problemática registrada nas entrevistas, fatores esse que ainda se torna marcante em nossa sociedade.

4.1.3. Equipe de Segurança/Vigilantes (RN Seguranças) – Trabalhadores Terceirizados

Ainda no campo dos terceirizados, iremos falar agora sobre os vigilantes. Ouvimos depoimentos de 5 indivíduos (4 homens e 1 mulher). Destas 5 pessoas, três trabalham há menos de um ano e duas mais de dois anos para essa entidade, todos os homens ganham mais de um salário mínimo, já a mulher ganha menos de um salário mínimo – o que averiguamos, foi uma divisão sexual do trabalho, onde as mulheres tem uma jornada de trabalho equivalente a do homem, porem longe de atingir um salário que se iguale com o do mesmo – no que lhe concerne a sua carga horaria de trabalho são doze horas diárias, todos recebem decimo terceiro, ticket de alimentação e férias, sendo os 5 residentes da cidade de Mossoró/RN.

Entrevistados	Cor	Sexo	Nível de escolaridade	Onde estudou	Estado Civil	Filhos (as)	Idade
1° entrevista	Branca	Feminino	EM Completo	EP	Casada	Não	26
2° entrevista	Negro	Masculino	EM Completo	EP	Casado	2	30
3° entrevista	Pardo	Masculino	EM Completo	EP	Casado	4	39
4° entrevista	Branco	Masculino	EF Incompleto	EP	Casado	2	51
5° entrevista	Negro	Masculino	EM Incompleto	EP	Solteiro	Não	39

Quadro 3 – Perfil dos Trabalhadores da RN Segurança

Fonte: Elaboração própria.

Em relação as perguntas sobre as dificuldades que passam dentro do ambiente de trabalho, os terceirizados da RN Seguranças deixaram a desejar, portanto dos 5 apenas dois responderam o que almejávamos, o primeiro entrevistado falou que gostaria de receber plano de saúde somente, e a terceira entrevista no tocante que se difere ao assunto a respeito dos salários atrasados ele afirmou que ao empregadores não estavam irregular com os empregados e sim era o governo quem estava irregular com a empresa, falou ainda sobre a falta de oportunidade de empregos e a baixa demanda do mercado de trabalho, em relação as pessoas que residem na sua casa (já que mora com 3 familiares e apenas ele o outro trabalha) e também sobre as desigualdades que o atual sistema infelizmente nos impõem.

No que se refere aos estudos, como podemos observar na tabela acima, 3 deles tem ensino médio completo e apenas dois tem um nível de escolaridade mais baixo, por sua vez – e o que tornou essa parte do estudo mais interessante – os três que tem médio completo falaram que pararam os estudos por desinteresse, já os dois de escolaridade mais baixa relatam que tiveram que deixar os estudos muito cedo para ajudar/sustentar a família financeiramente e as oportunidades eram escassas. Outro fator importante a ser analisado no quadro é que o trabalho de vigilante por ser considerado um trabalho predominantemente masculino, o mercado para a mulher nessa área ainda é bastante limitado, fato que fica bem explicito acima.

4.1.4. Ambulantes/Trabalhadores Autônomos

Ao todo entrevistamos dois ambulantes, três lanchonetes aqui da faculdade e dois motos taxi. Apenas duas foram mulheres, os outros sete são do sexo masculino, esses por sua vez prestam serviços a muitos anos (um dos entrevistados nos informou que estava lá a mais de 42 anos), os trabalhadores autônomos por sua vez não ganham um salário fixo, porem grande parte falou que sua renda mensal era superior a um salário mínimo, ainda podemos relatar que, eles apesar de ganharem bem trabalham mais do que o normal, sua carga horaria além de intensiva é extensiva, e não tem seus direitos assegurados como os trabalhadores de carteira assinada possuem. Todos moram na cidade de Mossoró/RN.

Entrevistados	Cor	Sexo	Nível de escolaridade	Onde estudou	Estado Civil	Filhos (as)	Idade
1º entrevista	Negra	Feminino	EF Incompleto	EP	Solteiro	5	41
2º entrevista	Pardo	Masculino	EF Incompleto	EP	Casado	6	57
3º entrevista	Pardo	Masculino	EM Incompleto	EP	Casado	2	47
4º entrevista	Branco	Masculino	EM Completo	EP	Casado	2	54
5º entrevista	Negra	Feminino	EM Completo	EP	Solteiro	Não	19
6º entrevista	Branco	Masculino	EM Completo	EP	Casado	9	59
7º entrevista	Negro	Masculino	EF Incompleto	EP	Casado	3	45

Quadro 4 – Perfil dos Trabalhadores Ambulantes e Autônomos (UERJ)

Fonte: Elaboração própria.

Como o esquema mostra das sete pessoas acima apenas 3 concluíram o ensino médio, as demais têm o nível de escolaridade mais baixa, isso por que a maioria dos autônomos que se submetem a esse tipo de trabalho é por não ter uma estrutura familiar e socioeconômica que possibilite concluir o estudo básico e também o Estado que não dá um suporte para uma garantia de vida mais descente a essas pessoas. Contudo vemos que esses trabalhadores são o que vivem em dificuldades mais precárias, tanto por não receber salubridade e por não ter direitos iguais em relação aos trabalhadores efetivados, como são os mais explorados desse sistema devido a sua carga horaria de trabalho, como também caso esse indivíduo tenha que parar de trabalhar por motivos de doenças não irá existir direitos que assegure sua saída temporária do mercado de trabalho, outro fator bastante importante para a mal remuneração dessas pessoas está nas crises que o capital possui, e é nelas que a demanda de consumidores torna-se menor. Bem como no caso da UERN nas greves ou em férias o fluxo é bem menor tanto para os moto-taxis como para as pessoas que vendem lanches, eles acabam ganhando menos que o esperado.

4.1.5. Técnicos Administrativos – Trabalhadores Efetivados

Entrevistamos 6 trabalhadores técnicos administrativos da FASSO (Faculdade de Serviço Social da UERN); apenas 1 homem e 5 mulheres, prestando serviços ao governo do RN a mais de 5 anos todos os 6 (o empregado mais antigo está nessa instituição a 33 anos), eles recebem sua renda superior a um salário mínimo, e a sua carga horaria de trabalho são oito horas diárias, também recebe decimo terceiro, plano de saúde e férias.

Entrevistados	Cor	Sexo	Nível de escolaridade	Onde estudou	Estado Civil	Filhos (as)	Idade
1° entrevista	Parda	Feminino	Superior	EP	Casada	3	57
2° entrevista	Parda	Feminino	Superior	EP/EPR	Divorciada	2	47
3° entrevista	Negra	Feminino	Superior	EP/EPR	Solteira	1	----
4° entrevista	Negra	Feminino	Superior	EP	Solteira	Não	32
5° entrevista	Pardo	Masculino	Superior	EP/EPR	Solteiro	Não	29
6° entrevista	Parda	Feminino	Superior	EPR	Solteira	Não	29

Quadro 5 – Perfil dos Trabalhadores Administrativos Efetivos

Fonte: Elaboração própria.

Essa massa de trabalhadores apesar de ter salários melhores que todos os demais no qual mostramos no decorrer da pesquisa, eles sentem fortes impactos no que diz respeito aos rebatimentos neoliberais que a Universidade vem sofrendo, com as ondas de privatização e também a instabilidade, os constantes atrasos de salários e a falta e investimento na universidade. Eles também expõem sua opinião sobre as dificuldades que enfrentamos fora do ambiente de trabalho, como falta de transporte coletivo os assédios morais e sexuais que as mulheres sofrem e também a

falta de segurança que nos impossibilita de andarmos mais tranquilas nas ruas e dentro da própria universidade.

4.1.6. Professores/Docentes – Trabalhadores Efetivos e Temporários³

Nove docentes nos ajudaram a engrandecer esse trabalho de campo (sendo seis mulheres e três homens), estes por vez, prestam serviços em sua maioria a mais de 10 anos (apenas 3 dos 9 estão a menos de um ano na área acadêmica), todos ganham superior a um salário mínimo, e a sua carga horaria de trabalho são oito horas diárias, recebem decimo terceiro, plano de saúde e férias e são residentes da cidade de Mossoró/RN, apenas um é natural de Assú/RN e apenas um não respondeu onde mora.

Entrevistados	Cor	Sexo	Nível de escolaridade	Onde estudou	Estado Civil	Filhos (as)	Idade
1º entrevista	Parda	Feminino	Superior	EP	Divorciada	3	51
2º entrevista	Branca	Feminino	Superior	EP/EPR	Casada	1	44
3º entrevista	Branca	Feminino	Superior	EP/EPR	Solteira	Não	39
4º entrevista	Negra	Feminino	Superior	EPR.	Casada	Não	47
5º entrevista	Branca	Feminino	Superior	EP/EPR	Solteira	Não	46
6º entrevista	Branca	Feminino	Superior	EP	Solteira	Não	25
7º entrevista	----	Masculino	Superior	EP/EPR	Solteiro	Não	---
8º entrevista	Negro	Masculino	Superior	EP	Casado	Não	32
9º entrevista	Branco	Masculino	Superior	EP	Casado	3	23

Quadro 5 – Perfil dos Trabalhadores Docentes Efetivos e Temporários

Fonte: Elaboração própria.

O grande desafio dos professores nessa conjuntura está sendo os salários, pois todos (exceto dois professores) relataram sobre os atrasos dos salários e disseram o quanto isso impacta na vida cotidiana. Entre várias dificuldades que eles enfrentam iremos enfatizar as mais devastadoras: Desvalorização da profissão, estrutura precária da instituição, falta de compromisso do governo com a universidade, falta de investimento, falta de incentivo para a participação em eventos científicos, dificuldades de material didático, salas para estudos e orientações busca por metodologias que facilitem o aprendizado do aluno, uma internet de boa qualidade e uma biblioteca mais completa, limites de copias, não pagamento do decimo terceiro e dificuldades de financiamentos para projetos de pesquisa e extensão envolvendo bolsistas. Eles ainda colocam em pauta, a conjuntura da perda de direitos, falam também sobre a sobrecarga de trabalho (que são oito horas no papel, mas que vão para além dessas oito horas), e conciliar o curto espaço de tempo entre uma atividade e outra, e principalmente como esse acúmulo de tarefas rebata nas condições físicas e

³ Nenhuma mulher que entrevistamos falou em relação à abusos dentro do trabalho, ou assédio moral e sexual.

psicológicas, o que acaba por acarretar uma série de doenças para o trabalhador que enfrenta todos esses elementos no seu dia a dia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, traçamos algumas reflexões que perpassam toda nossa leitura. As Expressões da Questão Social estão cada vez mais latentes, isso devido a rápida rotatividade do capital e as manobras que ele utiliza para se reinventar, basta apenas uma crise econômica para que os direitos já conquistados pela classe desfavorecida sejam contestados e repensados por aqueles que dominam. Foi possível observar por meio dos nossos estudos e análise de dados coletados na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – campus central Mossoró/RN que os trabalhadores que possuem uma menor escolaridade são os que exercem os serviços de segunda ordem, podendo-se destacar negros e pardos. Além de ser perceptível o processo cada vez mais forte de precarização nos serviços de educação gratuita, tanto para os educadores como para os demais que compõem a classe trabalhadora da Universidade Estadual. Toda essa lógica do sistema capitalista está permeada por interesses lucrativos, onde a falta de estrutura e os diversos problemas pautados expressam o descaso do governo do RN com a ampliação e melhoria desse modelo de educação.

Os elementos construídos para essa pesquisa é uma pequena leitura de dados que futuramente poderão ser ampliados, ainda há uma longa discussão acerca dessas expressões, mas podemos destacar aqui rudimentos que estão cada vez mais solidificados na sociabilidade do capital, entre eles está a falta de um ensino médio de qualidade, que forneça subsídios para que as crianças periféricas possam futuramente ingressar em universidades públicas, as questões étnicas raciais que reverberam na nossa conjuntura com um racismo maquiado, onde se há novas roupagens na sociedade atual, de igualdade de gênero e raça. Os vários tipos de violências que são cometidas dentro da universidade, a desvalorização dos trabalhadores autônomos e os forte rebatimentos na estrutura, onde temos condições mínimas de ensino, impossibilitando que os docentes consigam, articular teoria e prática, ensino-aprendizagem e pesquisa e extensão. Contudo, entendemos que a precarização do trabalho se fortifica ao passo em que o desenvolvimento do capitalismo produz mais expressões da questão social, assim, diferentes estágios do capitalismo irão desenvolver novas expressões peculiares, diferenciadas e complexas, principalmente quando se trata do sistema neoliberal, que traz consequências alarmantes para os trabalhadores, no sentido de que a lógica do capital sempre circulará em favor dos que detêm os meios de produção, então a estratégia será a todo custo dizer que “a coisa pública não funciona” e tentar privatizar ao máximo, através dos

sucateamentos, afetando a vida mais dos trabalhadores, por meio da retirada de direitos conquistados através de muita luta e resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBOSA, R. **A questão social e política no Brasil**. In: A questão social e política no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010.
- BODSTEIN, Regina Cele de A. 1997. **Cidadania e modernidade: emergência da questão social na agenda pública**. Cad. Saúde Pública vol.13 no.2 Rio de Janeiro Abr. 1997.
- BRASIL. Constituição Federal 1988. **Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993 - Regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal**.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **A questão social no Brasil**. Crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GUIRALDELLI, Reginaldo 2014. **Trabalho, trabalhadores e questão social na sociabilidade capitalista**. Cad. psicol. soc. trab. vol.17 no.1 São Paulo jun. 2014.
- GUZZO, Raquel Souza Lobo; FILHO, Antonio Euzébio 2005. **Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora**. Escritos educ. v.4 n.2 Ibité dez. 2005.
- HIRATA, Helena. **TENDÊNCIAS RECENTES DA PRECARIZAÇÃO SOCIAL E DO TRABALHO: Brasil, França, Japão**. In: **CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 15-22, 2011.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital financeiro, trabalho e questão social**. 09. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- IAMAMOTO, Marilda. **A questão social no capitalismo**. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS, 3. Rio de Janeiro: Ed. Graflin, jan-jun. 2001.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I, 2 tomos. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MONTAÑO, Carlos 2012. **Pobreza, "questão social" e seu enfrentamento**. Serv. Soc. Soc. no.110 São Paulo Apr./June 2012.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 02. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- PASTORINI, Alenjandra. **A categoria "questão social" em debate**. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; v. 17).
- PIMENTEL, Edlene. **Uma "Nova questão social"? Raízes materiais e humanas – sociais do pauperismo de ontem e hoje**. 02. ed. nev; São Paulo: Instituto Luckács, 2012.
- RAICHELIS, Raquel 2006. **Gestão Pública e a Questão Social na Grande Cidade**. Lua Nova, São Paulo, 69: 13-48, 2006.
- SILVA, Ivone Maria Ferreira. **Questão Social e Serviço Social no Brasil; Fundamentos sócio-históricos**. 02. ed. Editora Papel Social, 2016.
- TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Resolução Nº 011/2016 – TCE, de 09 de junho de 2016**.